

**MEMÓRIA RESPEITADA EM ARQUIVO ORGANIZADO:  
JOVENS TRABALHADORES SINDICALIZADOS (1951-1973)  
DA FÁBRICA DE LOUÇAS “SANTO EUGÊNIO”,  
EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP**

Cristiano José PEREIRA \*

**RESUMO:** A Fábrica de Louças “Santo Eugênio”, primeira fábrica considerada de “porte” em São José dos Campos-SP, funcionou de 1921 a 1973. O Sindicato que mediava as relações entre os trabalhadores e o capital, o *Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Cerâmica, da Louça de Pó de Pedra, da Porcelana e da Louça de Barro de São José dos Campos*, mantinha fichas com os nomes dos trabalhadores sindicalizados. Com o fim das últimas fábricas de cerâmica de “porte” em São José dos Campos e também em outras cidades do Vale do Paraíba, o Sindicato definiu, mas ainda sobrevive. As fichas de funcionários sindicalizados da Fábrica de Louças “Santo Eugênio” foram retiradas das dependências do Sindicato joseense através de uma doação, receberam tratamento arquivístico adequado e hoje servem de fontes para verificarmos várias condições inerentes aos jovens trabalhadores de 12 a 17 anos entre os anos de 1951 e 1973 que eram funcionários da Fábrica e possuíam registros em fichas no Sindicato.

**PALAVRAS CHAVES:** fábrica, arquivo, juventude, trabalhadores.

**ABSTRACT:** The Factory of Dishware “Santo Eugênio”, first considered factory of “charge” in São José dos Campos-SP, it worked from 1921 to 1973. The Labor Union that mediated the relationships between the workers and the capital, the Labor Union of the Workers in the Industry of the Ceramic, of the Dishes of Powder of Stone, of the Porcelain and of the Dishes of Mud of São José dos Campos, it maintained records with the unionized workers’ names. In order to the last ceramic factories of “charge” in São José dos Campos and also in another cities of the it is “Vale do Paraíba”, the Labor Union to debilitate, but he still survives. The unionized employees’ of the Factory of Dishware “Santo Eugênio” records were removed of the dependences of the Labor Union “joseense” through a donation, they received treatment appropriate in filing department and today they serve as sources for we verify several inherent conditions to the youths workers of 12 to 17 years among the years of 1951 and 1973 that were employees of the Factory and they possessed registrations in records in the Labor Union.

**KEYWORDS:** factory, archive, youth, workers.

---

\* Doutorando em História Econômica (FFLCH-USP), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura.

## INTRODUÇÃO

Estabelecem-se (...) relações de causa e efeito, que criam um círculo vicioso: a indústria atrai a indústria; a industrialização leva ao crescimento demográfico; o aumento de população faz com que apareçam novas indústrias para atender às suas necessidades e, por outro lado, cria um mercado de mão-de-obra que, por sua vez, poderá constituir elemento de atração para novas organizações industriais. (MÜLLER, 1969, p. 122)

Fundada em 1921 pela família Bonadio, a Fábrica de Louças “Santo Eugênio” foi a primeira fábrica de “porte”, para os padrões da época, da cidade de São José dos Campos, situada no Vale do Paraíba paulista. A fábrica dedicava-se à fabricação de artefatos cerâmicos, principalmente relacionados à louça de mesa, de uso cotidiano. São José dos Campos, no início do século XX, era benquista por fimatosos, que possuíam a esperança de curarem-se da tuberculose sorvendo os ares supostamente benéficos locais. Em 1935 a cidade foi considerada pelo Decreto n.º 7007 de 12.03.1935 como “Estância Climática e Hidromineral Natural”, (PEREIRA, 2009, p. 44) o que não impediu que a localidade, ao longo da segunda metade do século XX, tivesse um grande desenvolvimento demográfico e industrial.

Em 1973 a Fábrica de Louças “Santo Eugênio” encerrou suas atividades, provocando um enfraquecimento do setor industrial de minerais não-metálicos na cidade. Em 1977, através da Lei Estadual n.º 1402, São José dos Campos deixava de ser, oficialmente, uma “Estância”, para assumir de fato o caráter de ser uma das cidades mais industrializadas do Estado de São Paulo. (PEREIRA, 2009, p. 76)

Depois de mais de cinquenta anos de funcionamento ininterrupto, a documentação existente sobre a mão-de-obra da Fábrica de Louças “Santo Eugênio” encontra-se parcialmente preservada no Arquivo Público Municipal de São José dos Campos (APM-SJC), perfazendo cerca de 4500 fichas com dados de trabalhadores. Tivemos a oportunidade de pesquisar o acervo destes trabalhadores para escrever nossa

Dissertação de Mestrado denominada “*A cidade, a fábrica e a juventude: a mão-de-obra juvenil na Fábrica de Louças “Santo Eugênio” e o contexto industrial de São José dos Campos-SP (1921-1973)*”, entre os anos de 2005 e 2009, cuja orientação foi realizada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura.

Entretanto, durante o período de levantamento bibliográfico (2005-2006) que encetamos para a posterior análise histórica e escrita de nossa Dissertação, tivemos a oportunidade de conhecermos a então diretora do *Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Cerâmica da Louça de Pó de Pedra, da Porcelana e da Louça de Barro de São José dos Campos*, Sr.<sup>a</sup> Luci Antunes, que gentilmente mostrou-nos fichas de trabalhadores sindicalizados da Fábrica de Louças “Santo Eugênio”. Na ocasião, as fichas estavam destinadas ao descarte.

Frente a esta afirmação, perguntamos se poderíamos recolher as fichas para efetuarmos uma pesquisa, no que fomos gentilmente atendidos. A documentação recolhida estava em razoável estado de conservação. Em março de 2010, começamos a realizar tratamento arquivístico adequado em relação às fichas. Procedemos à retirada de grampos de metal, procedemos à higienização dos documentos, colamos dezenas de fotografias quase soltas, confeccionamos envelopes com papel alcalino, devidamente numerados (de 001 a 804) e individuais para cada ficha, e organizamos por ordem alfabética os documentos, acondicionando-os em quatro caixas “arquivo-morto” de polionda.

Todas as fichas foram cadastradas em uma planilha informatizada com os nomes de cada trabalhador, além do número da caixa e do envelope, com o objetivo de facilitar posterior pesquisa, além da redação de um texto historiográfico que continha detalhes do acervo organizado para complementar a planilha com os dados dos trabalhadores, com o fim de realizar a doação do acervo, devidamente organizado, ao Arquivo Público de São José dos Campos.

A pesquisa historiográfica sobre a mão-de-obra composta por menores no ambiente fabril é um ramo de pesquisa que necessita de uma maior quantidade de trabalhos. Existem obstáculos diversos, tais como o acesso à documentação original. Porém, o historiador deve, também, criar condições para que tais pesquisas consigam atingir o público; nosso trabalho cumpriu tal assertiva. O acervo das fichas de trabalhadores sindicalizados que recebeu o devido tratamento arquivístico foi entregue à

Direção do Arquivo Público Municipal de São José dos Campos (APM-SJC) no dia 31 de Janeiro de 2011, segundo o Termo de Doação n.º 02/APM-SJC/2011.

Estudar particularidades da mão-de-obra de trabalhadores menores sindicalizados na Fábrica de Louças “Santo Eugênio”, primeira indústria considerada de “porte” em São José dos Campos é o objetivo do presente trabalho.

## **DEFINIÇÃO E ALGUNS CONFLITOS CAPITAL-TRABALHO NO BRASIL DO SÉCULO XX**

Sobre a definição de Organização Sindical, José Albertino Rodrigues (1968) comenta:

Organização sindical corresponde a uma tentativa formal e de cunho oficial, no sentido de levar uma ordem e um instituto à classe trabalhadora. (...) (RODRIGUES, 1968, pp. 4-5)

As questões de princípio de manter a “ordem” através de uma relação institucionalizada para os trabalhadores, através de uma Organização Sindical, não encontrava valorização em boa parte do empresariado nacional no século XX. Fernando Henrique Cardoso (1971), em pesquisa realizada entre os anos de 1961 e 1962, aponta uma opinião anônima de um empresário sobre os sindicatos:

Os sindicatos têm errado tal como os políticos erram. Há nos sindicatos a maior exploração demagógica possível. Os sindicatos nunca procuraram os industriais para resolver certos problemas relacionados com a valorização da pessoa humana, para discutir problemas que podem ser resolvidos em comum entre empregadores e empregados. Estão todos controlados por minorias, movidas por objetivos políticos que fazem do sindicato fonte de promoção e de luta de classes suicida. Os sindicatos nunca discutiram com os empresários uma série de questões que os industriais estão resolvendo sozinhos. (CARDOSO, 1971, p. 164)

Ao longo do século XX, muitos sindicatos procuraram fazer com que os trabalhadores fossem valorizados como “pessoa humana”. Entretanto, vários deles, através do diálogo e de medidas, tais como a greve, provocaram aversão e desprezo por parte de muitos detentores do capital e do poder. No Brasil, a constituição legal de sindicatos foi possível após o advento do Decreto n.º 979, de janeiro de 1903, para os trabalhadores rurais, e da aprovação do Decreto Legislativo n.º 1637, de 05.01.1907, que ampliou esse direito para todas as classes laborais. (CHIARELLI, 1974, p. 44)

Após sucessivos protestos e greves na primeira metade do século XX, os trabalhadores tiveram parte de suas reivindicações atendidas pelo Estado brasileiro para disciplinar em diversos aspectos a relação capital-trabalho, o que culminou, em plena ditadura varguista, na criação do Decreto-Lei n.º 5452, de 01.05.1943, denominada Consolidação das Leis do Trabalho (C.L.T.), cujos artigos, segundo Rodrigues, “são mais conhecid[o]s [pelos brasileiros] que a Constituição”. (RODRIGUES, 1968, p. 95)

Entre 1947 a 1951, o período de desenvolvimento dos Sindicatos foi, segundo Rodrigues, relativamente estagnado, por causa de perseguições políticas pós-1945 e também por sucessivas intervenções governamentais, embora o salário mínimo de então tenha sido aumentado no final de 1951 de 360 para 1200 cruzeiros. Segundo Ianni, “essa política destinava-se, também, a preservar a massa operária (então em fase de expansão no País), de uma excessiva pauperização, (...) sem sucesso”. (IANNI, 1971, pp. 41-42) O que deveria constituir-se como elevação de salários apreciável apenas era um paliativo ao aumento do custo de vida do brasileiro, que se elevava em aproximadamente duas vezes. (RODRIGUES, 1968, pp. 130-131)

Em 1952, segundo Rodrigues, inicia-se a “fase áurea” do sindicalismo brasileiro, pois os efetivos dos sindicatos sofreram “sensível incremento”, possibilitando greves de grande envergadura nos anos de 1953, 1954 e 1957. (RODRIGUES, 1968, pp. 160-161), gerando um perceptível aumento do salário mínimo real, durante o período dos governos de Getúlio Vargas (1951-1954), Juscelino Kubitschek (1955-1961), Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1961-1964) de aproximadamente cem por cento. (RODRIGUES, 1968, p. 178) Após o Movimento Militar de 1964, foram criadas legislações para praticamente tornar as greves ilegais e para inibir manifestações

diversas dos Sindicatos, além da perseguição direta a trabalhadores sindicalizados, alguns deles acusados de subversão.

Dentro ou fora dos períodos de exceção dentro do Estado brasileiro, os sindicatos possuem o importante papel de ater-se às leis existentes, defendendo-as como guardiãs dos direitos dos trabalhadores, (RODRIGUES, 1968, p. 170) portanto, servindo de contraponto às vontades de seus empregadores, nem sempre interessados nos problemas da “pessoa humana”, tal como afirmavam de forma aparentemente generosa na década de 60 do século passado.

O número médio de associados em um Sindicato na região Sudeste no período 1955-1963, segundo Rodrigues, era de 1200 trabalhadores. (RODRIGUES, 1968, p. 137). Portanto, a amostragem de 804 fichas de trabalhadores do Sindicato de São José dos Campos corresponde a 67% do total da média nacional do período apontado. Dessas 804 fichas, 108 correspondem a jovens entre 14 e 17 anos, correspondendo a 13,43%, uma média que julgamos apropriada como amostragem para o presente artigo.

## **ELEMENTOS DE TRABALHADORES MENORES SINDICALIZADOS**

A Fábrica de Louças “Santo Eugênio”, desde a sua fundação (1921), contou com trabalhadores menores dentre seus quadros. Após a feitura do trabalho de limpeza e organização do acervo, verificamos que ele contava 804 (oitocentas e quatro) fichas, sendo que 108 referiam-se a menores de idade, 13,43% do total, no período 1954-1973.

O *Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Cerâmica, da Louça de Pó de Pedra, da Porcelana e da Louça de Barro de São José dos Campos*, também conhecido de forma popular como “Sindicato dos Ceramistas” foi fundado em 12 de junho de 1951, conforme informação de seu próprio brasão, e sua base territorial abrangia as cidades de São José dos Campos, Taubaté e Guaratinguetá. Sua sede estava a menos de cinco minutos a pé da portaria principal da Fábrica de Louças “Santo Eugênio”, na região central de São José dos Campos. Portanto, entre a fundação do Sindicato (1951) e a primeira baliza cronológica da documentação disponível (1954), existe uma lacuna de três anos:

Tabela 1 – Amostragem de Fichas de Jovens (1954-1973)

Fichas do Sindicato dos Ceramistas de São José dos Campos-SP (1954-1973) – por ano

1954	2	1955	-	1956	0	1957	0	1958	0	1959	1	1960	0	1961	2	1962	-	1963	-
1964	-	1965	1	1966	1	1967	1	1968	3	1969	5	1970	16	1971	15	1972	38	1973	23
Total	108																		

Na década de 60, os trabalhadores ligados ao ramo de minerais não-metálicos eram, na cidade de São José dos Campos, o terceiro grupo mais volumoso em relação à mão-de-obra. (MÜLLER, 1969, p. 137) Dos 108 menores de nossa pesquisa, 68 são do sexo feminino (62,96%) e 40 são do sexo masculino (37,04%). A maior incidência de menores do sexo feminino na Fábrica de Louças “Santo Eugênio” encontra correspondência em uma pesquisa efetuada por Esmeralda B. B. de Moura no final da década de 80 do século passado, na qual a autora aponta que aproximadamente 65% da mão-de-obra de algumas fábricas no século XX era composta de operárias. (MOURA, 1989, p. 84).

A média de idade dos menores contratados pela fábrica que tiveram suas fichas no Sindicato dos Ceramistas é de 16 anos e 209 dias. Apenas uma ficha indicou o jovem como “casado”, José F. C. S., de 15 anos. (APM-SJC, caixa 1, env. 79) A porcentagem de jovens solteiros era, portanto, de 98,14%. Das 108 fichas, 96 indicaram que o jovem era alfabetizado; 12 não apresentaram quaisquer informações. Nenhum jovem trabalhador foi fichado como “não alfabetizado” ou “analfabeto”. Se considerarmos tão somente as 96 fichas que possuíram a informação “alfabetizado”, a porcentagem é de 88,88% do total, o que indica, no período 1954-1973, que os jovens joseenses possuíam acesso mínimo à escolarização básica oferecida na cidade.

A idade preferida para a contratação dos menores encontra-se a seguir:

Tabela 2 – Idade preferida para contratação (1954-1973)

Fichas do Sindicato dos Ceramistas de São José dos Campos-SP (1954-1973)

Anos	Quantidade de Jovens	% TOTAL
12	1	0,92
13	1	0,92
14	17	15,74
15	26	24,07
16	36	33,33
17	27	25,00
<b>TOTAL</b>	<b>108</b>	<b>100,00</b>

Também identificamos a faixa etária preferida para a contratação de jovens trabalhadores:

Tabela 3 – Idade preferida para contratação (1954-1973)  
Fichas do Sindicato dos Ceramistas de São José dos Campos-SP (1954-1973) – por faixa etária

Faixa etária	Quantidade de Jovens	% TOTAL
12-13 anos	2	1,85
14-15 anos	43	39,82
16-17 anos	63	58,33
<b>TOTAL</b>	<b>108</b>	<b>100,00</b>

Portanto, a idade de 16 anos e a faixa etária de 16-17 anos eram as preferidas pela Fábrica de Louças Santo Eugênio para a contratação de jovens trabalhadores menores. Embora empregar menores da faixa etária de 12-13 anos fosse permitido tão somente quando o menor fosse um aprendiz, conforme o Decreto n.º 31.546, de 06.10.1952, (CAMPANHOLE & CAMPANHOLE, 1974, p. 126) as fichas do Sindicato não continham quaisquer informações de que os dois menores possuíssem oficialmente essa condição na Fábrica.

A contratação de menores como trabalhadores da Fábrica de Louças “Santo Eugênio” sofreu um *boom* na década de 70, justamente na década em que a fábrica não conseguiu manter-se em funcionamento, com 85,18% de presença na amostragem realizada:

Tabela 4 – Anos de maior incidência de contratações (1954-1973)  
Fichas do Sindicato dos Ceramistas de São José dos Campos-SP (1954-1973)

Por décadas	Quantidade de Jovens	% TOTAL
Década de 50	3	2,77
Década de 60	13	12,03
Década de 70	92	85,18
<b>TOTAL</b>	<b>108</b>	<b>100,00</b>

Na década de 70, o ano em que menores foram contratados pela fábrica em maior quantidade, sendo posteriormente sindicalizados, foi 1972, com 38 trabalhadores. Isso encontra correspondência no clima otimista da economia brasileira em pleno “Milagre Econômico” ocorrido no período militar:

Tabela 5 – Incidência de contratações (1970-1973)  
Fichas do Sindicato dos Ceramistas de São José dos Campos-SP (1954-1973)

Anos	Quantidade de Jovens	% TOTAL
1970	16	17,39
1971	15	16,30
1972	38	41,30
1973	23	25,00
<b>TOTAL:</b>	<b>92</b>	<b>100,00</b>

Os ritmos de produção da Fábrica de Louças “Santo Eugênio” podem ser identificados pela incidência de contratação de menores em determinados meses.

Vejamos a tabela abaixo:

Tabela 6 – Meses de maiores quantidades de admissão de menores na fábrica (1954-1973)  
Fichas do Sindicato dos Ceramistas de São José dos Campos-SP

Meses	Número de admitidos	% TOTAL
Janeiro	12	11,11
Fevereiro	6	5,55
Março	6	5,55
Abril	7	6,48
Mai	10	9,25
Junho	20	18,51
Julho	6	5,55
Agosto	4	3,70
Setembro	6	5,55
Outubro	15	13,88
Novembro	7	6,48
Dezembro	9	8,33
<b>TOTAL</b>	<b>108</b>	<b>100,00</b>

Existem três picos de admissão de menores à fábrica, e, portanto, de sindicalização dos mesmos: em janeiro, com 12 trabalhadores, em maio/junho, com 30, e em Outubro/Novembro/Dezembro, com 31 trabalhadores. Se a Fábrica desejasse manter os trabalhadores tão somente como empregados durante o chamado “período de experiência” – três meses – haveria uma reserva de mão-de-obra composta de menores disponível na fábrica durante o início, meados e o final do ano, portanto, condizente com a organização fabril de sempre disponibilizar no ambiente fabril a mão-de-obra durante os períodos de maior demanda do mercado consumidor.

Os locais de nascimento da mão-de-obra menor sindicalizada consta na tabela a seguir:

Tabela 7 – Locais de nascimento dos jovens trabalhadores (1954-1973)  
Fichas do Sindicato dos Ceramistas de São José dos Campos-SP

Posição	Cidade	Número de jovens	% TOTAL
1	São José dos Campos	59	54,62
2	São Paulo	3	2,77
	Natividade da Serra	3	2,77
	Paraisópolis	3	2,77
3	Brasópolis	2	1,85
	Caçapava	2	1,85
	Paraibuna	2	1,85
	Outros	34	31,48
Total		108	100,00

Tanto em nossa Dissertação de Mestrado defendida em 2009, tanto no presente artigo, o grupo composto por menores joseenses possui uma porcentagem bem maior do que de outras cidades, com uma porcentagem apreciável de jovens oriundos do Sul de Minas Gerais, sendo que os dados recolhidos anteriormente em nossa Dissertação indicam que 52,66% do total de trabalhadores era oriunda de São José dos Campos, uma diferença muito pequena ao da amostragem das fichas relacionadas ao Sindicato (54,62%).

Por outro lado, a historiografia que trata da industrialização em São José dos Campos trabalha com a tese de que a mão-de-obra fabril joseense era composta de forma majoritária por migrantes, em todas as faixas etárias. Acreditamos que tal tese possui relação com a faixa etária adotada nos trabalhos de outros pesquisadores, os quais quase sempre não levam em consideração a mão-de-obra fabril composta por menores. Um exemplo desta concepção é a existência de uma pesquisa de Nice Lecocq Müller efetuada no início da década de 60:

“(…) São José dos Campos se destaca acentuando-se seu caráter de ‘cosmopolitismo’, evidente pelo fato inicial de apenas 27% do total [da mão-de-obra] ser proveniente do próprio município”. (MÜLLER, 1969, p. 101)

Segundo Müller, a cidade de São José dos Campos, de tão cosmopolita, chegava a ter bairros inteiros povoados por afluxos de migrantes, tais como os mineiros do bairro

do Alto da Ponte e os nordestinos da “Linha Velha” (MÜLLER, 1969, p. 289), que foi a primeira favela de São José dos Campos. (BONDESAN in PEREIRA, 2009, p. 116)

Outro exemplo deste alegado “cosmopolitismo” é a que encontramos na Dissertação de Mestrado de Léa Francesconi (1978), em dados obtidos por pesquisas realizadas em fábricas em Jacareí e São José dos Campos no ano de 1974:

A participação da mão-de-obra migrante é sempre majoritária em todos os setores das indústrias de São José dos Campos e Jacareí. Sempre mais de 60% de pessoal de outros municípios participa da mão-de-obra, seja em indústrias “tradicionalis”, “intermediárias”, “diversas”. (FRANCESCONI, 1978, p. 63)

Por outro lado, a porcentagem superior a cinquenta por cento que encontramos da mão-de-obra local utilizada na Fábrica de Louças “Santo Eugênio” pode ser explicada pela grande quantidade de famílias de migrantes que vieram estabelecer-se em São José dos Campos a partir da década de 40 do século passado, devido ao incremento progressivo da industrialização na cidade, que acabaram gerando filhos que se tornaram joseenses. Também acrescentamos o fato de que tivemos acesso privilegiado a dados que não foram possíveis de serem pesquisados por Francesconi. Portanto, nem sempre as fábricas de São José dos Campos possuíram a sua mão-de-obra composta majoritariamente por migrantes em todas as faixas etárias, pois existe a exceção a esta tese, composta pelos menores trabalhadores.

Verificamos quais os bairros que mais sediavam as moradias dos jovens trabalhadores, dentro da cidade de São José dos Campos, que se desenvolvia de forma desordenada na década de 70 como uma das conseqüências da massiva industrialização local:

Tabela 8 – Locais de moradia dos jovens trabalhadores (1954-1973) – São José dos Campos-SP  
Fichas do Sindicato dos Ceramistas de São José dos Campos-SP

Posição	Bairro	Número de moradias	% TOTAL
1	Centro	10	9,25
	Jardim Paulista	10	9,25
2	Vila Maria	5	4,62
	Vila Piratininga	5	4,62
3	Vila Bandeirante	4	3,70
	Jardim da Granja	4	3,70
	Vila Progresso	4	3,70
4	Outros	55	50,95
5	Não especificado	11	10,21
Total		108	100,00

A Fábrica de Louças “Santo Eugênio”, como afirmado anteriormente, instalara-se no que é considerado o “Centro” de São José dos Campos, portanto, boa parte dos jovens, na ocasião, poderia ir trabalhar a pé ou de bicicleta sem quaisquer problemas. Os bairros do Jardim Paulista, Vila Maria, Vila Piratininga, Vila Bandeirante e Vila Progresso são próximos ao centro da cidade, portanto, também não apresentariam dificuldades de acesso dos jovens à fábrica. A única exceção a estas afirmativas é a presença de quatro jovens trabalhadores do Jardim da Granja, um bairro um pouco mais distante do Centro joseense, próximo à Rodovia Presidente Dutra.

Os setores que os jovens mais eram requisitados para a utilização de sua mão-de-obra dentro da fábrica encontram-se a seguir:

Tabela 9 – Setores em que os jovens trabalhavam (1954-1973)  
Fichas do Sindicato dos Ceramistas de São José dos Campos-SP

Setor	Quantidade de Jovens	% TOTAL
Pintura de louças	30	27,77
Serviços de escritório	17	15,74
Fabricação de louças	12	11,11
Mecânica em geral	3	2,77
Manufatura em madeira	2	1,85
Termos genéricos	2	1,85
Não especificado	42	38,89
TOTAL	66	61,11
TOTAL GERAL	108	100,00

Quarenta e dois jovens não tiveram a sua função especificada nas fichas do Sindicato, o que indica uma despersonalização da mão-de-obra, pois ter função específica na fábrica acrescenta valor, ainda que simbólico, ao trabalhador como

profissional. Outros menores já eram registrados com suas funções específicas, tais como trabalhar em setores delicados na pintura de louças, ou em outros em que a força física era amplamente necessária, tais como empurrar carros repletos de matéria-prima pelos galpões da fábrica. (PEREIRA, 2009, p. 148) Nossa análise está em consonância com os escritos de Esmeralda B. B. de Moura, pois, segundo a autora, as menores do sexo feminino também eram destinadas a exercerem funções que exigiam força física, tais como a fabricação de louças, tarefas tipicamente masculinas. (MOURA, 1989, p. 91)

Portanto, sabermos quais as características do trabalho de menores em uma fábrica contribui para um maior conhecimento da dinâmica da mão-de-obra dentro de um estabelecimento fabril de produção tradicional, que era responsável por produzir bens de consumo dentro de uma cidade que deixava de ser considerada meramente uma “estância hidromineral” para transformar-se em uma das cidades mais industrializadas do Estado de São Paulo no final do século XX.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora as anotações da Secretaria do Sindicato dos Ceramistas não primassem por registrar minudências, ou mesmo informações básicas como o salário inicial dos trabalhadores da Fábrica de Louças “Santo Eugênio” em suas fichas, alguns elementos de quando os jovens trabalhadores foram demitidos puderam ser recuperados, inclusive ignorâncias quanto à geografia dos países vizinhos ao Brasil, em relação à menor Ana M. R. (APM-SJC, caixa 3, env. 489), a qual seria natural de “La Paz – Peru” [sic], a qual trabalhava no setor de “cobrança”.

Em contraste a não registrar minudências, uma informação que possuía cuidadosos registros era o número de dependentes menores dos trabalhadores, tais como a família de A. D. Coelho, que possuía nove filhos, nascidos entre 1954 e 1971, (APM-SJC, caixa 1, env. 105) ou se o trabalhador maior já havia completado de 10 anos de serviço à fábrica, o que, antes da Lei n.º 5107, de 13.09.1967, garantia-lhe a estabilidade por tempo de serviço, sendo que Roberto A., foi “admitido em 01 [de] Fevereiro de 1962, [sendo que] até 01 de Fevereiro de 1972 completou 10 anos [de serviço]”. (APM-SJC, caixa 1, env. 29)

O laconismo era comum nas fichas que descreviam a demissão do jovem trabalhador, como nos casos de José F. C. S., “Demit.[ido] 30-6-72.” (APM-SJC, caixa 1, env. 79), e de Julio C. R., “saiu em Maio de 1972”, (APM-SJC, caixa 3, env. 461).

As fábricas de louças de São José dos Campos, fundadas principalmente a partir da iniciativa de membros da família de Eugênio Bonadio, foram fechadas ao longo da segunda metade do século XX, sendo que a última remanescente, a Cerâmica Weiss, encerrou as suas atividades em 1995. O Sindicato, apesar de possuir a partir de então uma quantidade menor de trabalhadores sindicalizados, não extinguiu-se: após reorganizações, mudou a sua denominação para *SINTRALOUÇAS – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Cerâmica, de Louça, de Pó de Pedra, de Porcelana, de Louça de Barro e da Louça Sanitária de São José dos Campos*, continuando a exercer as suas funções no mesmo endereço, tendo aumentado a sua base territorial para várias cidades paulistas situadas fora do Vale do Paraíba. Disponível em: <[http://www.depacom.org.br/editais/dou/2009/dou\\_03\\_01\\_09\\_09.pdf](http://www.depacom.org.br/editais/dou/2009/dou_03_01_09_09.pdf)>. Acesso em: 22 mai. 2011.

Nosso trabalho revelou-se proficiente, pois recuperamos do descarte uma documentação que estava fadada ao esquecimento, sendo que produzimos conhecimento histórico útil para entendermos as relações entre o Sindicato, a Fábrica e a dinâmica laboral de jovens trabalhadores em um estabelecimento industrial. Dessa forma, utilizando recursos de seu ofício, tais como a organização, sistematização e análise de dados, o historiador conseguirá, com o necessário comprometimento, trazer à luz elementos de um relevante passado esmaecido, agora redivivo.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONDESAN, A. *São José de ontem e de hoje*. São José dos Campos : JAC Editora, 1996.
- CAMPANHOLE, A. & CAMPANHOLE, H. L. *Manual trabalhista*. 8. ed. São Paulo : Editora Atlas, 1974.
- CARDOSO, F. H. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*. 2. ed. São Paulo : DIFEL, 1971.
- CHIARELLI, C. A. G. *Teoria e prática do sindicalismo brasileiro*. São Paulo : Edições LTR, 1974.

FRANCESCONI, L. *A mão-de-obra ocupada na atividade industrial de São José dos Campos e Jacareí: movimentos migratórios e movimentos pendulares*. 1978. Dissertação de Mestrado (Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

IANNI, O. *Estado e planejamento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1971.

MOURA, E. B. B. de. “*Além da indústria têxtil: o trabalho feminino em atividades ‘masculinas’* “. In: *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 18, ago-set/1989.

MULLER, N. L. *O fato urbano na bacia do Paraíba – São Paulo*. Rio de Janeiro : Fundação IBGE, 1969.

PEREIRA, C. J. *A cidade, a fábrica e a juventude: a mão-de-obra juvenil na Fábrica de Louças “Santo Eugênio” e o contexto industrial de São José dos Campos-SP (1921-1973)*. 2009. Dissertação de Mestrado (História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

RODRIGUES, J. A. *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*. São Paulo : DIFEL, 1968.